

ESCOLA DE FRANKFURT E FREUDO-MARXISMO: SOBRE A PLURALIDADE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E TEORIA DA SOCIEDADE.

Katia GENEL

Se retomarmos as primeiras articulações feitas entre o pensamento de Freud e de Marx, emergem figuras de psicanalistas como Alfred Adler, Siegfried Bernfeld, Otto Fenichel e Paul Federn, mas também figuras de teóricos como Wilhelm Reich, Erich Fromm ou Herbert Marcuse, dentre os quais alguns se filiam àquilo que chamamos retrospectivamente “Escola de Frankfurt”. Pode-se verdadeiramente falar de uma “corrente freudo-marxista” que uniria esses pensadores? E a Escola de Frankfurt seria ela também uma peça do freudo-marxismo? É verdade que a psicanálise é central na elaboração da “teoria crítica”. No momento em que esta se constitui sob a forma de uma filosofia social nos anos 1930, Max Horkheimer lança um programa interdisciplinar de pesquisa ao qual o psicanalista

Fromm é estritamente associado. Com Theodor Adorno, a psicanálise continua a desempenhar um papel central na tentativa de renovação do materialismo herdado de Marx; este é ainda o caso nos anos 1950, nos escritos de Marcuse. Se, no cerne da Escola de Frankfurt, as articulações entre Freud e Marx se multiplicaram, elas se organizam em torno de uma linha divisória que Adorno ilustra, em uma carta de 1935 a Walter Benjamin, através da imagem de uma corda que ambos puxam de um lado, ao passo que Fromm e Reich se encontram na outra ponta¹. Reconhecendo-se na história benjaminiana da Paris do século XIX², em sua dialética feérica³ que põe em jogo um uso original da psicanálise, Adorno se volta contra o uso feito por Fromm da psicanálise e critica a reflexão sobre a família (que estava precisamente no centro das primeiras pesquisas do Instituto sobre as instituições “autoritárias”) como mediação entre psicologia e sociedade. Ele lê no *Exposé* das *Passagens* que “a verdadeira ‘mediação’ entre psicologia e sociedade não se encontra na família, mas na mercadoria e no fetiche”, “o fetichismo é o verdadeiro correlato da reificação”³.

Por trás dessa oposição entre uma reflexão sobre a estrutura patriarcal da família como espelho do poder estatal e vetor de perpetuação de sua autoridade, e uma reflexão que rompe com a analogia, de um lado, entre infraestrutura e superestrutura e, de outro, entre inconsciente e consciente,

¹ Cf. Carta nº33 de Adorno a Benjamin de 05.06.1935. In ADORNO, Th. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 162 [Cf. também a carta nº33 de 10.06.1935 de Benjamin a Adorno. In: _____. Op. cit., p. 169 (N. T.)]

² Trata-se do *Exposé* “Paris: capital do século XIX”. In: BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

³ Cf. Carta nº33 de Adorno a Benjamin de 05.06.1935. In ADORNO, Th. Op. cit., 2012, p. 162.

há duas leituras de Marx e duas concepções de história. Se a crítica da psicanálise é relativamente partilhada por todos os autores, freudo-marxistas e frankfurtianos, estes diferem quanto à perspectiva de trabalhar Freud a favor ou contra Marx. A psicanálise permite não apenas esclarecer os aspectos que teriam sido ignorados pela teoria marxista e elaborar uma teoria da subjetividade que “não pressupõe muitas forças racionais do sujeito”, dando “lugar às forças de ligação inconscientes”, aos motivos da conduta humana subtraídos à consciência do autor, aos desejos de fusão, às fantasias de submissão⁴. Ela permite, além disso, como disse Adorno, esclarecer a irracionalidade social, a negatividade ou a desrazão na história, o que leva a questionar mais radicalmente o próprio quadro marxista e principalmente a antropologia marxista. A questão, cuja trajetória traçaremos aqui, é a de saber até onde uma teoria crítica da sociedade pode aceitar a perspectiva do *Mal-estar na civilização*ⁱⁱ e continuar orientada para a emancipação. É o que está em jogo nos anos 1950 com a crítica ao neorrevisionismo de Fromm por Adorno e Marcuse, e novamente, depois, com as críticas das posições de Habermas e Honneth sobre o papel mais modesto que a psicanálise deve ter na teoria social.

Escola de Frankfurt: uma variante do freudo-marxismo?

Os pensadores citados estão todos de acordo sobre a

⁴ HONNETH, A. “Le travail de la négativité. Une révision psychanalytique de la théorie de la reconnaissance”, in *Un monde de déchirement*. Trad. P. Rusch e O. Voirol, Paris, La Découverte, 2013, pp. 231-238, citação p. 233.

insuficiência do marxismo, sobre a falta de consideração quanto ao “fator subjetivo”, a saber, sobre o fato de que a psicologia sobre a qual ele implicitamente repousa é problemática e requer maior precisão (principalmente sobre a questão da relação entre pulsões e interesses). O interesse pelo fator subjetivo provém da vontade de ultrapassar a concepção de história do marxismo “dominante”, ou seja, trata-se tanto de explicar as causas do fracasso da revolução proletária e o alinhamento das massas ao nacional-socialismo, quanto tornar possível essa revolução. Deste ponto de vista, os escritos de Georg Lukács ou Karl Korsch, que estiveram no princípio da criação em 1923 de um “Instituto de pesquisa social” e do projeto de articular a teoria marxiana e as pesquisas em ciências sociais, demandam um certo tipo de contribuição da psicanálise para esclarecer as precondições psico-sociológicas da revolução, mesmo que os próprios autores não tenham se engajado em tal elaboração.

A psicanálise explica o fator subjetivo a partir de diferentes conceitos, em particular aquele do “caráter” forjado na família e aquele da autoridade. Na sequência de Freud e de Karl Abraham, Federn e Reich⁵ se engajam na exploração da origem “caracterial” da submissão à autoridade e da disjunção entre interesses racionais e ligações pulsionais. Eles fizeram uma crítica da família patriarcal antes mesmo que Horkheimer tenha dirigido em 1936, com Fromm e Marcuse, os *Estudos sobre autoridade e família*⁶. Desde 1919, Paul Federn analisou o

⁵ Mesmo que outros pensadores sejam importantes: Siegfried Bernfeld, ligado ao movimento da juventude, autor de uma comunicação sobre a psicanálise e o socialismo em 1925, ou Otto Fenichel, que foi analisado por Erich Federn

⁶ HORKHEIMER, M. *Studien über Autorität und Familie. Forschungsberichte aus dem Institut für Sozialforschung* [1936]. Lüneburg: Dietrich zu

caráter autoritário e considerou que a atitude patriarcal é uma das causas do fracasso da revolução.⁷ Ele pretendia esclarecer os fundamentos psicológicos não percebidos da ordem social e se voltar para a constituição de um ideal paterno na criança, que rege suas relações sociais ulteriores. Ele inscreveu sua análise da relação ao pai na perspectiva política das tentativas revolucionárias para instaurar o socialismo. Sobre a erosão do patriarcado, deve-se edificar uma nova organização, construída sobre a fraternidade e a igualdade de direitos.⁸ A experiência de uma constituição psíquica adormecida em nós, que provém da “horda dos irmãos”, pode ser reativada na ordem comunista dos conselhos. Mas o otimismo político de Federn deve ser nuançado pela análise da persistência da estrutura autoritária sob a forma do “caráter”, de modo a considerar que o declínio efetivo da estrutura patriarcal não produz necessariamente a liberação social.

Desde *Materialismo dialético e psicanálise* (1929), Wilhelm Reich também se interessa pelos mecanismos psicológicos que sustentam o sistema capitalista e entram a consciência de classe e o surgimento de um sujeito histórico. Ele analisa, neste contexto, a função social da família como vetor de produção de estruturas mentais socialmente necessárias à perpetuação da ordem existente. Com *Psicologia de massas do fascismo* ele descreve a família patriarcal, que produz o caráter autoritário,

Klampen Verlag, 1987. Fromm redigiu nesta obra a parte de psicologia Social e Marcuse aquela da história das ideias.

⁷ FEDERN, P. *Zur Psychologie der Revolution: die vaterlose Gesellschaft*. Viena: Anzengruber Verlag, 1919.

⁸ *Ibid.*, p.16. Ver a tentativa feita nos anos 1960 por Alexander Mitscherlich em *Vers la société sans pères. Essai de psychologie sociale*. Tradução de M. Jacob; P. Dibon. Paris: Gallimard, 1969.

como sendo de alguma forma um “Estado autoritário” em miniatura⁹. A psicanálise é aqui retomada ao mesmo tempo em que é criticada: a organização psíquica deve sempre ser ressituada socialmente e relacionada ao modo de produção capitalista, o que torna possível uma transformação tanto dos indivíduos quanto da sociedade. Desde o final dos anos 1920, Reich é acusado por Siegfried Bernfeld de defender um materialismo estreito e de ter uma noção positiva de saúde sexual ligada à genitalidade, que resulta de um desvio de concepções da psicanálise purgadas de hipóteses metafísicas e restritas à clínica¹⁰. Vemos se esboçar aqui uma parte dos argumentos que serão dirigidos por Adorno contra Reich, e também uma parte daqueles que serão dirigidos contra Fromm.

O programa interdisciplinar de Horkheimer

Partilhando da constatação segundo a qual o fracasso político da teoria marxista deve-se à sua concepção insuficiente do homem e à sua confiança em um desenvolvimento mecânico da história, o primeiro programa de Horkheimer, formulado em 1930 em “A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais”, atribui um lugar central à psicanálise. Ele precisa a maneira pela qual a filosofia social encara a sociedade: trata-se de perguntar pelas relações que podemos estabelecer, para determinado grupo social, entre “o

⁹ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. Trad. Maria da Graça M. Macedo. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 45.

¹⁰ Sobre o texto “Socialismo e Psicanálise” de Siegfried Bernfeld e a crítica de Reich a este ver Negative psychoanalysis and Marxism. In: JACOBY, R. *Social Amnesia - A Critique of Contemporary Psychology*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997, pp. 73-100, especialmente p. 93ss.

papel desse grupo no processo econômico, a transformação ocorrida na estrutura psíquica dos seus membros singulares e os pensamentos e as instituições que agem sobre esse mesmo grupo, como totalidade menor do todo da sociedade, e que são por sua vez o seu produto”¹¹. A filosofia social se articula dialeticamente à pesquisa empírica (foram feitas pesquisas nos anos 1930 sobre os trabalhadores qualificados e empregados na Alemanha)¹², recorrendo à psicanálise de modo a considerar os “intermediários psíquicos”, permitindo compreender dialeticamente as relações entre a esfera material e espiritual. Tanto para Horkheimer quanto para Fromm, a psicanálise é inicialmente uma “ciência complementar”¹³, que estende a crítica marxista da economia política ao explicar os mecanismos que entravam a explosão de conflitos sociais: ela explicita a constituição psíquica capaz de manter latentes as tensões que deveriam explodir sobre a base da relação entre as classes sociais¹⁴.

Continuamos, de todo modo, no quadro de uma teoria social: o uso de conceitos psicanalíticos para um diagnóstico crítico da sociedade é acompanhado de uma crítica da a-historicidade da teoria psicanalítica. Horkheimer e Fromm mostram que as

¹¹ HORKHEIMER, M. “A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais”. In: *Praga: Estudos Marxistas*, nº7. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 131.

¹² FROMM, E. *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches. Eine sozialpsychologische Untersuchung*. BONß, W. (dir.). Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1980.

¹³ Horkheimer, em “História e psicologia” (in: HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp. 13-29), de 1932, fala de uma “ciência auxiliar da história” (p. 21); Fromm, em seu ensaio “Método e Função de uma Psicologia Social Analítica” (in: FROMM, E. *A crise da psicanálise. Ensaios sobre Freud, Marx e Psicologia Social*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971), fala de um complemento (p. 153).

¹⁴ HORKHEIMER, M. “História e psicologia”, op. cit., p. 22.

pulsões são, na verdade, organizadas social e historicamente. Fromm desenvolve uma crítica do complexo de Édipo, explicando que a sociedade patriarcal é sua condição objetiva; o Super-eu é concebido como a interiorização psíquica de instâncias ideológicas específicas a uma dada sociedade. O interesse pelo matriarcado, objeto de diferentes textos da *Revista para Pesquisa Social* [*Zeitschrift für Sozialforschung*], torna igualmente manifesto o caráter histórico e cultural da família e oferece uma perspectiva utópica na qual podemos projetar, como resposta, uma alternativa à sociedade capitalista autoritária a partir de uma organização familiar diferente.

Indivíduo e sociedade: para o “neorrevisionismo de Fromm”

O acordo superficial entre Horkheimer e Fromm permite uma colaboração teórica importante nos anos 1930. Mas a concepção que Horkheimer tem da psicanálise se modificará profundamente sob a influência de Adorno. Ele reavalia a teoria das pulsões, notadamente em “Razão e autoconservação” (1941). Ele começa a considerar que a ancoragem histórica da teoria de Freud na época burguesa não é um obstáculo à sua validade: “é justamente a decadência da família burguesa que permitiu à teoria de [Freud] chegar a este novo estágio que aparece em ‘Além do Princípio do Prazer’ e nos escritos que o seguem”¹⁵. Refletindo sobre o declínio histórico da família, Freud compreendeu com isso algo de “objetivamente” verdadeiro. Horkheimer quase

¹⁵ Carta de 31 de outubro de 1942 de Horkheimer à Löwenthal (coleção de Löwenthal) *apud* JAY, M. *A imaginação dialética. História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, pp. 150-151.

antecipa as fórmulas paradoxais que Adorno terá em relação a Freud, que “tinha razão onde ele não tinha razão”¹⁶.

Paralelamente, Fromm se afasta progressivamente em relação à concepção freudiana das pulsões, de sua sublimação e de sua repressão como fonte das neuroses. *Escape from freedom* (1941), é um questionamento sobre o sentimento de angústia suscitado pela liberdade, suas causas sociais nas sociedades contemporâneas de concorrência e de liberdade, e suas respostas individuais e coletivas, psíquicas e sociais. A tese é que a liberdade conquistada pelo homem moderno “o afetou igualmente com um sentimento de isolamento, que criou nele um sentimento de insegurança e impotência”.¹⁷ Fromm recusa a ideia de um antagonismo que colocaria o indivíduo diante de uma sociedade essencializada. Ele se interroga sobretudo sobre a estrutura do caráter do homem moderno, dito de outro modo, sobre o papel que desempenham os fatores psicológicos, econômicos e ideológicos no processo social, com intuito de explicar as razões pelas quais o homem se volta contra a sua liberdade, atribui autoridade a seu inimigo, e, por fim, sobre como é possível “a atração do fascismo”, esse “sistema político que, por essência, não se volta às forças racionais do interesse pessoal, mas às “forças diabólicas do homem”.¹⁸ Sua questão não se distancia daquelas de Horkheimer ou Adorno na *Personalidade autoritária*; ela está ligada ao estudo, conduzido por Freud, de forças inconscientes que determinam o comportamento do

¹⁶ ADORNO, T. “A Psicanálise Revisada”, in: _____ *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp p.62.

¹⁷ FROMM, E. *La Peur de la liberté*. Tradução de L. Ehrardt; S. Mayol. Lyon: Parangon/Vs., 2010, p. 10.

¹⁸ *Ibid.*, p. 14-15.

homem, embora Freud não tenha chegado longe o bastante. Fromm sublinha sobretudo seu acordo com Karen Horney e Harry Stack Sullivan. Ele refuta a ideia de um homem antissocial, de um indivíduo solitário em sua origem e que entra em relações de concorrência com seus semelhantes - o que está no fundamento da teoria freudiana. Em “Egoísmo e movimento de libertação: sobre a antropologia da época burguesa” (1936), Horkheimer tinha igualmente criticado o caráter ideológico da doutrina freudiana que reflete as relações de concorrência da sociedade liberal, e a pulsão de morte que justifica o autoritarismo. Contra Freud, Fromm defende a hipótese de que “o problema chave da psicologia é aquele do tipo de laço específico entre o indivíduo e o mundo, e não aquele da satisfação ou da frustração de tal ou tal necessidade instintual *per se*”, e que a relação entre o homem e a sociedade não é fixa.¹⁹ Fromm pretende dar ao processo de socialização dos indivíduos toda a sua importância, em detrimento do “núcleo naturalista” da doutrina freudiana, com vistas a manter uma articulação adequada entre psicanálise e marxismo e de fundar a possibilidade de uma transformação da sociedade. Não estamos longe do argumento que Honneth defenderá contra Whitebook: pensar a complexidade das interações no nível da socialização. Trata-se de levar em conta o fator humano e seu dinamismo próprio do qual provém um conceito de adaptação dinâmica que, contrariamente à adaptação estática que deixa inalterada a estrutura do caráter, constitui um fator na formação do caráter.

¹⁹ Ibid., p. 19.

As duas extremidades da corda: um outro uso da psicanálise (teoria do conhecimento e antropologia)

Bem antes que Horkheimer se voltasse para a psicanálise ortodoxa, Adorno havia desenvolvido um uso original de Freud – que remonta a seus anos de estudo junto a Hans Cornelius –, para explicar a teoria do conhecimento e, notadamente, a filosofia transcendental kantiana. Em 1927, Adorno escreve sua habilitação para docência sobre “O conceito de inconsciente na doutrina transcendental da alma” [tradução livre].²⁰ O inconsciente tem um lugar central na teoria do conhecimento, na medida em que ele é imanente à razão e não deriva do irracional. Encontramos um traço dessa compreensão de inconsciente e da psicanálise mostrada aqui em “A atualidade da filosofia” (1931), texto no qual Adorno apresenta sua concepção de um materialismo “interdisciplinar” bastante diferente daquele proposto por Horkheimer no mesmo momento. A psicanálise é elevada ao nível de método da teoria social. Trata-se de interpretar, de decifrar a realidade, não de lhe dar um sentido subjetivo, mas de pôr em relação os elementos materiais. O conceito de interpretação é redefinido de uma maneira freudiana, pois trata-se de compreender um sentido que permanece latente, acessível somente através dos sintomas; a resolução corresponde à dissolução do sintoma.

A tarefa da filosofia não é procurar intenções ocultas ou manifestas da realidade, mas interpretar a realidade não intencional ao abolir, através da construção de figuras - das

²⁰ ADORNO, T. “Der Begriff des Unbewussten in der transzendentalen Seelenlehre”. In: *Gesammelte Schriften*, Band 1. Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1973.

imagens surgidas dos elementos isolados da realidade -, as questões cuja formulação pregnante é tarefa da ciência - tarefa à qual a filosofia está sempre ligada²¹.

O materialismo é definido como aquele que interpreta dialeticamente a realidade não intencional, o que supõe dispor dos elementos de sentido de modo a formar aquilo que Benjamin chama uma constelação. A afinidade entre Freud e Benjamin se manifesta em torno de uma preocupação comum com o que Freud chama de “resíduos do mundo fenomênico”²²: perseguir o materialismo pelo salvamento “daquilo que é mais singular e mais estranho” e o interesse pelo perecível. É ainda a tarefa da “dialética negativa” operar o salvamento desses elementos recalcados sobre os quais o conceito faz violência. A dialética negativa pretende ir além do conceito através do conceito: “O conceito não consegue defender de outro modo a causa daquilo que reprime, a da *mimesis*, senão na medida em que se apropria de algo dessa *mimesis* em seu próprio modo de comportamento, sem se perder nela”²³.

Paralelamente a este uso da psicanálise na teoria do conhecimento, encontramos um uso para a teoria da sociedade

²¹ ADORNO, T. “Die Aktualität der Philosophie”. In: _____ *Gesammelte Schriften*, Band 1. Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1973, p. 335.

²² Em seu estudo sobre o Moisés de Michelangelo, Freud havia comparado seu método ao do historiador da arte, que detectam os falsificadores a partir da observação de detalhes, os “resíduos” que permitem apreender os sintomas. Anne Boissière aproxima este método do método fisiognômico de interpretação de Adorno (cf. BOISSIÈRE, A. “L’immersion dans le détail comme méthode de l’interprétation de la culture: un possible rapprochement entre Adorno et Freud”. In: OLIVE, J.-P. (Dir.). *Expérience et fragment dans l’esthétique musicale d’Adorno*. Paris: L’Harmattan, 2005).

²³ ADORNO, Th. *La Dialectique négative*, trad. du Groupe de traduction du Collège de Philosophie, Paris, Payot, « Petite Bibliothèque », 2003, p. 25 [ADORNO, Th. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 21].

na *Dialética do esclarecimento*²⁴, obra co-escrita em 1944 com Horkheimer. É, então, a importância dada à “antropologia” que parece permitir sua colaboração. Polarizando as pesquisas de Horkheimer a partir da metade dos anos 1930, a antropologia está em seguida no centro das discussões preparatórias à redação da obra com Adorno (muitas notas excluídas da publicação são testemunho disso)²⁵. Em 1941, a antropologia é objeto de dois textos importantes de Adorno, “O novo tipo de ser humano” e “Notas para uma nova antropologia”²⁶. O prefácio à *Dialética do esclarecimento* faz referência a essa “antropologia dialética”, da qual derivam, segundo os autores, suas notas e esboços²⁷.

Por antropologia, devemos compreender uma abordagem que dá um lugar importante à psicanálise. Como Horkheimer explica em uma carta a Marcuse: a antropologia visa estudar a dominação na “via psicológica”, “os instintos enquanto pensamentos dos homens”, nos “domínios mais profundos do espírito”, na medida em que eles mesmos são resultado “do terror, psíquico ou mental, da opressão em ato e em potência”. Por que não tê-la chamado de psicologia? “Eu não acredito na psicologia como meio de resolver um problema tão sério”, explica Horkheimer,

²⁴ HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *La Dialectique de la raison. Fragments philosophiques*, trad. É. Kauffholz, Paris, Gallimard, Paris, 1974 [HORKHEIMER, M.; ADORNO, Th. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006].

²⁵ HORKHEIMER, M.; ADORNO, Th. *Le Laboratoire de la Dialectique de la raison. Discussions, notes et fragments inédits*. Tradução de J. Christ; K. Genel. Paris: Editions FMSH, “Philia”, 2013.

²⁶ ADORNO, Th. “Notizen zur neuen Anthropologie”, in *Adorno Horkheimer Briefwechsel 1927-1969*, Bd. II 1938-1944, C. Gödde et H. Lönitz (Hg.), Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 2004, pp. 453-472; ADORNO, Th. “Problème du nouveau type d’être humain”, in *Current of Music. Éléments pour une théorie de la radio*, trad. P. Arnoux, Presses de Laval, 2010.

²⁷ HORKHEIMER, M.; ADORNO, Th. Op. cit., 2006, p. 16.

evocando o problema do antissemitismo. Lembrando seu ceticismo em relação a essa disciplina, ele indica: “eu utilizo no projeto o termo psicologia para designar a antropologia, e a antropologia no sentido da teoria do homem tal qual ele é formado no contexto de uma sociedade antagonista”²⁸. Com essa redefinição da teoria da dominação em torno de seu pressuposto antropológico, Horkheimer incorpora a noção de pulsão de morte²⁹, que desempenha um papel na elaboração da categoria de mimesis. Horkheimer e Adorno se referem a “uma tendência profundamente arraigada no ser vivo e cuja superação é um sinal de evolução: a tendência a perder-se em vez de impor-se ativamente no meio ambiente, a propensão a se largar, a regredir à natureza. Freud denominou-a pulsão de morte, Caillois *le mimétisme*”³⁰. A dominação é analisada como consubstancial à racionalidade burguesa – encarnada por Ulisses, figura de um mito que já é razão, ao passo que a razão recai no mito. Aqui, o quadro materialista do sujeito da história explodiu; o destinatário foi perdido, restando apenas, como escrevem Adorno e Horkheimer de modo provocador na nota “Propaganda”, a “testemunha imaginária” à qual dirigem sua mensagem.

A Dialética do esclarecimento inaugura um novo uso da psicanálise como princípio crítico do quadro materialista e de sua antropologia. Ela [a psicanálise] certamente continua

²⁸ Carta de 17 de julho de 1943, *apud* WIGGERSHAUS, Rolf, *L'École de Francfort. Histoire, développement, signification*. Tradução de L. Deroche-Gurcel. Paris: PUF, 1993, p. 344.

²⁹ “O conjunto ligados à *Todestrieb* [pulsão de morte] são categorias antropológicas (no sentido alemão da palavra)”. Carta de 1942 a Löwenthal *apud* JAY, M. Op. cit., 2008, p. 151.

³⁰ Cf. “Fragmento de uma teoria do criminoso” In HORKHEIMER, M.; ADORNO, Th., op. cit., 2006, p. 187.

sendo objeto de uma forte crítica que aponta seus limites, notadamente sua “crença” em uma transformação da sociedade pela transformação do indivíduo³¹. Longe de um olhar crítico da sociedade liberal, ela tende muito mais a refleti-la – não estamos muito longe da crítica da dimensão conformista ou adaptativa da cura. Mas ela se torna, considerando-a a partir de seu próprio ângulo, a fonte teórica por excelência, suscetível de esclarecer a perda da individualidade diagnosticada por Horkheimer e Adorno (o fato de que as funções do indivíduo se reduzem às funções especializadas), e a “nova antropologia”, que permite melhor compreender a dominação. O saber psicanalítico esclarece então paradoxalmente a constituição “impedida” da individualidade, e, assim, os fenômenos de regressão narcísica característicos do “eu fraco”, que são a princípio patologias sociais como o nacionalismo, o racismo e o antisemitismo – explicadas por Adorno e Horkheimer como maneiras pelas quais a individualidade fraca supera sua impotência em uma pertença à massa, na qual o interesse pessoal coincide com a destruição do outro. É, então, através dos próprios limites da psicanálise que é descoberto o potencial crítico “daquilo que resiste” à socialização na dialética irreduzível do mal-estar na cultura, cuja face negativa ela ilumina – a “revolta da natureza” que se mostra no fascismo. Ela desemboca, em particular, em uma teoria da angústia. A angústia é um momento do processo de individuação, como aquele do distanciamento em relação ao Todo, testemunha do conflito entre o indivíduo

³¹ HORKHEIMER, M.; ADORNO, Th. Op. cit., 2013, p.19-20: “A análise, que pretendemos ser tão destrutiva, quer salvar o indivíduo que já não existe mais de maneira alguma”.

e a sociedade; mas novas formas de angústia aparecem nas sociedades contemporâneas: “a criança que cresce sem figura de autoridade é sem dúvida mais angustiada do que se tivesse tido como outrora o bom e velho complexo de Édipo”³².

A querela do neorrevisão: radicalizar a tensão entre indivíduo e sociedade

No interior da primeira geração da Escola de Frankfurt, nos anos 1940, cresce o antagonismo entre a posição do psicanalista Fromm, que “sociologiza” Freud, e a de Adorno, seguido de Horkheimer e Marcuse, segundo a qual paradoxalmente é necessário partir de Freud como pensador do indivíduo para chegar a uma crítica pertinente da realidade social. Adorno e Marcuse desenvolvem, mais de uma década à frente, verdadeiros ataques teóricos contra os intérpretes “revisãoistas” de Freud, dentre os quais Erich Fromm, Karen Horney e Harry Stack Sullivan (mesmo se Fromm, depois de *Escape from freedom*, se distancie dessa posição). Esse movimento constitui, segundo Russell Jacoby, um momento de “amnésia social”³³, uma amnésia do social que é paradoxal naqueles que sociologizam a psicanálise, recusando o núcleo biológico da descoberta freudiana e insistindo sobre a importância da cultura.

As peças dessa querela são numerosas. Os primeiros ataques de Adorno aparecem em 1951, nas *Minima moralia* e paralelamente

³² ADORNO, Th., “Problème du nouveau type d’être humain”, in *Current of Music*, op. cit., 2010, p. 343.

³³ JACOBY, R. *Social Amnesia. A Critique of Contemporary Psychology*, New Brunswick: Transaction Publishers, 1997; _____. *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista*. Trad. Sonia Sales Gomes. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1977.

na “A psicanálise revisada”³⁴. Uma fórmula do fragmento 39 de *Minima moralia* exprime bem sua posição. Invertendo a ideia freudiana de que “onde o Isso está, deve advir o Eu”, ele escreve: “lá onde estava o eu, há somente o Isso”. Expressando o diagnóstico do “declínio” do indivíduo, o parágrafo propõe a explicação lacônica segundo a qual a divisão do trabalho psíquico – reflexo da divisão do trabalho na sociedade – faz do indivíduo um ser funcional. Nesse fragmento e naqueles que o enquadram, encontramos uma crítica do neorrevisionismo e da função adaptativa da cura às exigências da sociedade tal qual ela é. Partindo paradoxalmente da maneira pela qual a psicanálise dá razão ao indivíduo, nós podemos compreender uma verdade sobre a essência da socialização: Freud exprime a “realidade em que os seres humanos são realmente atomizados e separados um do outros por um abismo intransponível”³⁵.

A psicanálise autoriza assim uma crítica de suas próprias categorias, principalmente aquela do “caráter”, central na primeira articulação do freudo-marxismo. Para Adorno, o caráter designa o resultado da reificação da experiência, combinando a naturalidade de um fenômeno inconsciente que segue as leis e os esquemas, com o caráter histórico de um produto de uma sociedade específica. Mesmo continuando a empregá-lo (sobretudo nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* de 1949³⁶), Adorno implode sua acepção tradicional e a redefine como o resultado de uma série de choques infligidos ao indivíduo, um

³⁴ ADORNO, Th. *Minima Moralia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Ed. 70, 2001.

³⁵ ADORNO, Th. “A psicanálise revisada”, op. cit., 2015, p. 63.

³⁶ ADORNO, Th. *Études sur la personnalité autoritaire*, trad. H. Frappat, Paris, Allia, 2007.

“sistema de cicatrizes, que somente poderiam ser integradas sob sofrimento, e nunca completamente”.³⁷ Torna-se assim possível uma crítica dos processos sociais que “mutilam” as vidas.

Marcuse: Eros e Civilização

Assim como para Adorno, a psicanálise coloca um problema de método com implicações teóricas e políticas para Marcuse. O método de *Eros e civilização* consiste em definir “as implicações filosóficas e sociológicas” dos conceitos freudianos³⁸, de início opondo-se ao neorrevisionismo, no qual, segundo Marcuse “a aplicação da Psicologia à análise de acontecimentos sociais e políticos significa a aceitação de um critério que foi viciado por esses mesmos acontecimentos. A tarefa é, antes, a oposta; desenvolver a substância política e sociológica das noções psicológicas”.³⁹ Devemos partir das categorias de Freud para ler aquilo que ele havia descoberto, “a sociedade na mais recôndita camada do gênero e do homem individual”.⁴⁰ A concepção freudiana de indivíduo contém, segundo Marcuse, uma teoria da sociedade suscetível de “romper a reificação”, enquanto que, utilizando os conceitos freudianos em um sentido sociológico, Fromm faz com que se perca sua potência crítica. Como Adorno, Marcuse critica a tendência adaptativa do neorrevisionismo através de sua visada do pleno desenvolvimento do potencial humano na interpersonalidade e na cultura⁴¹.

³⁷ ADORNO, Th. “A psicanálise revisada”, op. cit., 2015, p. 48.

³⁸ MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975, p.30.

³⁹ *Ibid.*, p. 25.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 207.

⁴¹ O processo de alienação “vicia o conceito de relações interpessoais

Ao fazer isso, ele radicaliza o pessimismo freudiano ao apontar a espiral da mais-repressão⁴², mas acentua ao mesmo tempo o otimismo da teoria materialista ao abrir a perspectiva de uma civilização não repressiva a partir de forças engendradas pela necessidade da produtividade sempre crescente, que parece “minar as fundações” do sistema. O conceito de homem implicado pelo freudismo é “a mais irrefutável acusação à civilização ocidental e, ao mesmo tempo, a mais inabalável defesa dessa civilização”.⁴³ Dialetizando a relação entre homem e civilização, pulsão e sociedade, princípio de prazer e princípio de realidade, Marcuse radicaliza esses antagonismos em sua leitura de Freud, mas procura sempre desfazer a equação entre razão e repressão, a necessidade de um laço interno entre civilização e barbárie, progresso e sofrimento, liberdade e infortúnio. A cultura é ligada à coerção e à alienação, mas isso não conduz Freud a rejeitá-la. Se a repressão parece-lhe o “preço a pagar” pela civilização, então ela não é irremediável.⁴⁴ A ideia de mais-repressão transforma o conceito de princípio de realidade em um conceito social que depende das instituições e das relações que constituem o corpo social em uma sociedade específica, orientada para o ganho, para a concorrência e o rendimento.

se pretender significar mais do que o fato inegável de que todas as relações em que o ser humano se encontra são relações com outras pessoas ou abstrações delas”. Ibid., p. 216.

⁴² “Todas as hipóteses sobre a abolição da repressão” devem ser situadas “no quadro atual da escravidão e da destruição”, no interior do qual “mesmo as liberdades e as satisfações do indivíduo participam da repressão geral” (Herbert Marcuse, *Eros et civilisation* Contribution à Freud [1963], trad. J.-G. Nény et B. Fraenkel, Paris, Minuit, 2002, p. 13 [Este excerto do *Prefácio* não consta na edição brasileira. N.T.]

⁴³ Ibid., p. 33.

⁴⁴ Se a repressão “pertencer à essência da civilização como tal, então a interrogação de Freud quanto ao preço da civilização não teria qualquer sentido pois não haveria alternativa”. Ibid., p. 28.

Diante deste princípio de realidade, o eu encontra como saída a “sublimação repressiva”. Ela se distingue de uma sublimação não-repressiva, que remete ao fato de que as pulsões sexuais, sem nada perder de sua energia erótica, ultrapassam seu objeto imediato e erotizam as relações não eróticas e anti-eróticas entre os indivíduos, e entre eles e seu meio. Contra a “dessublimação repressiva”, favorecida pela sociedade de consumo e de lazer que libera a sexualidade ao enfraquecer a energia erótica, a ideia de uma civilização não-repressiva supõe uma “cultura” não-repressiva, um “estado estético” no sentido de Schiller. No capítulo “Fantasia e Utopia” de *Eros e civilização*, a imaginação é compreendida como aquilo que fornece um acesso à “estrutura e às tendências da psique anteriores à sua organização pela realidade, anteriores à sua conversão num ‘indivíduo’, em contraste com outros indivíduos”.⁴⁵ A imaginação cria um universo de percepção e de compreensão, subjetivo e ao mesmo tempo objetivo, como na arte. Realizar o programa schilleriano de uma “realidade estética, de uma sociedade enquanto obra de arte”, desenha segundo Raulet um “vir-a-ser do imaginário”⁴⁶ sobre o solo do imaginário histórico.⁴⁷ Seria isso que, em Marcuse, conduz a réplica à recaída da razão no mito, diagnosticada por Adorno e Horkheimer. Apesar de seu acordo sobre a crítica ao neorrevisionismo, Marcuse não pôde partilhar o pessimismo da *Dialética do esclarecimento*.

⁴⁵ Ibid., p.134.

⁴⁶ Ibid., p. 169.

⁴⁷ Cf. GÉRARD, R. *Herbert Marcuse. Philosophie de l’émancipation*. Paris: PUF, Philosophies, 1992, p. 173.

A herança frankfurtiana das aporias da crítica da sociedade a partir da psicanálise: de Habermas a Honneth.

A oposição radical entre a fonte inconsciente e a sociedade pode parecer dificilmente conciliável com a mudança social. É a partir desta constatação que Habermas, o representante da dita “segunda” geração da Escola de Frankfurt, critica a teoria da racionalidade, que opera na *Dialética do esclarecimento*, por sua unilateralidade – mas também as teses da *Dialética negativa* de Adorno. Antes da “virada linguística”, Habermas perseguiu o projeto de uma teoria crítica da sociedade já fundada sobre uma oposição entre interação e trabalho. A psicanálise representou neste momento, em vários textos de *Conhecimento e interesse*, um modelo de conhecimento (“A psicanálise é relevante para nós na qualidade de um único exemplo tangível de uma ciência que se vale da autorreflexão como método”)⁴⁸, antes de Habermas preteri-la em favor do método da reconstrução. No momento da virada do agir comunicativo, ela passou ao segundo plano e uma nova articulação entre teoria social e psicologia moral se impôs.

Na continuidade do neorrevisionismo, *Conhecimento e interesse* afirma a maior importância da técnica analítica da cura – que fornece fundamentalmente um modelo dialógico de comunicação entre o analista e paciente – do que da metapsicologia. De fato, segundo Habermas, Freud descobriu a relação do eu com as outras

⁴⁸ HABERMAS, Jürgen, « L’auto-réflexion comme science : la critique psychanalytique du sens par Freud », in *Connaissance et intérêt*, trad. G. Cléménçon, Paris, Gallimard, 1976, pp. 247-277, citation p. 247 [HABERMAS, J. Autorreflexão como ciência: a crítica psicanalítica do sentido em Freud. In: *Conhecimento e Interesse*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p.323].

instâncias “ao interpretar os textos especificamente mutilados e deformados”⁴⁹ na interpretação dos sonhos e o diálogo analítico; o conceito freudiano de inconsciente é interpretado em termos de comunicação deformada ou impedida. Como enfatiza Joel Whitebook, Habermas recusa toda dimensão pré-linguística do inconsciente.⁵⁰ Na cura, as capacidades reflexivas são postas em jogo, por meio das quais o sujeito se reapropria do sentido pelo diálogo com o terapeuta. Diferentemente da *Dialética do esclarecimento*, o inconsciente não é compreendido como o delírio da razão, mas como uma patologia da comunicação que pode ser retificada ao passar para o consciente. A cura é um modelo de diálogo, permitindo um restabelecimento do entendimento a partir da tomada de consciência de distorções da comunicação.

Nos anos 1990, Habermas tende a substituir a psicanálise pela contribuição de uma psicologia da evolução moral inspirada em Piaget e Kohlberg, de modo a explicar as condições de possibilidade de uma consciência moral pós-convencional – é o tema de *Consciência Moral e Agir Comunicativo* assim como de *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*.⁵¹ A psicologia é o elemento empírico da “ética da discussão”, uma vez que esta se coloca a questão do contexto de socialização, permitindo a

⁴⁹ Ibid., p. 356.

⁵⁰ WHITEBOOK, J. *Perversion and Utopia. A Study in Psychoanalysis and Critical Theory*. Cambridge: The MIT Press, 1995, p. 88.

⁵¹ HABERMAS, Jürgen, *Morale et communication. Conscience morale et activité communicationnelle*, trad. C. Bouchindhomme, Paris, Cerf, 1996; Habermas Jürgen, *De l'éthique de la discussion*, trad. M. Hunyadi, Paris, Cerf, 1992 [HABERMAS, J. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989; HABERMAS, J. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2007].

elaboração do ponto de vista moral, bem como sua tradução para a práxis. Segundo a linha divisória definida até aqui, nós podemos dizer que Habermas se situa mais do lado de Fromm, ao colocar em relevo a dimensão da socialização – que a psicanálise e a psicologia permitem esclarecer – mas afastando-se de toda teoria das pulsões em prol de uma antropologia fundada sobre a intersubjetividade e a linguagem comunicativa. Habermas rompe, dessa maneira, com um certo número de intuições de seus predecessores. Whitebook fala da “suspensão de motivos utópicos da teoria crítica”:⁵² uma teoria da socialização conduzida em perspectiva intersubjetivista impede de levar em conta o negativo e conduz a um certo conformismo. A teoria de Axel Honneth, o atual diretor do Instituto de Pesquisa Social, está exposta a tais objeções? A negatividade é o ponto de partida próprio da teoria do reconhecimento, mas é verdade que ele segue o uso frommiano e habermasiano da psicanálise mais para pensar as condições da socialização do que como uma fonte de crítica da racionalidade.

Axel Honneth renovou algumas das intuições do programa interdisciplinar de pesquisa de Horkheimer e associou novamente a psicanálise à filosofia social. Contudo, não se trata mais da psicanálise freudiana, mas da winnicotiana da “relação de objeto”, que explica as condições intersubjetivas do reconhecimento, permitindo o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos.⁵³ Segundo Honneth, a psicanálise tem um poder explicativo e

⁵² WHITEBOOK, Op. cit., p. 75-89.

⁵³ HONNETH, A. *La Lutte pour la reconnaissance*, trad. P. Rusch, Paris, Le Cerf, 2000 [HONNETH, A. *Luta por Reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003].

normativo: ela permite elaborar uma teoria do sujeito e uma teoria da socialização adequadas. Honneth se vale das pesquisas de René Spitz, Morris Eagle, John Bowlby e Daniel Stern sobre a relação entre a mãe e a criança, de modo a fortalecer a teoria da socialização para além de Freud. Contra uma concepção de evolução psíquica que se efetua “como uma sequência de formas de organização da relação ‘monológica’ entre pulsões libidinosas e a capacidade do ego”,⁵⁴ deve-se alargar o quadro conceitual da psicanálise de modo a integrar “a dimensão independente de interações sociais no interior da qual a criança aprende a se conceber como um sujeito autônomo por meio da relação emotiva com outras pessoas”.⁵⁵

Honneth cita Fromm em termos positivos, apesar de seu freudismo, porque a formação do caráter (nome que ele dá à estrutura psíquica) é emprestada de esquemas de interação. Respondendo às críticas de Whitebook, para quem, ao recorrer à teoria da relação de objeto, a teoria do reconhecimento privaria o aporte psicanalítico “dessa ‘negatividade’ que constituiria o verdadeiro ‘agulhão’ de Freud”,⁵⁶ Honneth evidencia a grande proximidade entre este debate com Whitebook e os argumentos de oposição de Adorno a Fromm. A objeção segundo a qual a virada intersubjetiva da teoria crítica conduz à renúncia da ideia de não-conformidade entre o sujeito [e a sociedade] é

⁵⁴ Ibid., p. 163.

⁵⁵ Ibid., p. 163.

⁵⁶ HONNETH, A. “Le Travail de la Négativité” [O Trabalho da Negatividade]. In: _____. *Un Monde de Déchirement*. Tradução de Pierre Rusch; Olivier Voirol. [s.l.], La Découverte, 2013. Ver na mesma edição também o texto de Honneth “Les Facettes du Soi Présocial. Une Réplique à Joel Whitebook” [As Facetas do Self Pré-social. Resposta à Joel Whitebook]. Ambos os textos encontram-se também traduzidos para o inglês na coletânea de textos de Honneth denominada *The I in We*. Polity Press, 2012.

muito próxima da crítica feita aos neorrevisionistas. É antes a questão do postulado das pulsões – e, notadamente, de uma pulsão de morte –, que está novamente em jogo, na medida em que elas podem ser o ponto de ancoragem de uma crítica dos processos sociais. Honneth responde que ele não se recusa a pensar a inadequação constitutiva do ser humano, mas sem dúvida a pensá-la em termos de bagagem pulsional, para vê-la sobretudo como “resultado inevitável de uma socialização que se efetua sob a forma de um processo de interiorização”.⁵⁷ Ele aponta o risco de confusão no que diz respeito a essa dimensão pré-social, a-social ou antissocial do sujeito, em que Whitebook se apoia através de uma referência a Hobbes, Kant e Freud, colocando um problema de compatibilidade interna entre estes diferentes argumentos tomados conjuntamente. Honneth pretende, por seu turno, levar em conta a negatividade, mas tende a relativizar os conceitos da psicanálise. Ele retoma, por exemplo, a fusão às “experiências esporádicas” feitas pelo recém-nascido, “compreendidas como ponto zero de todas as experiências de reconhecimento”: “código secreto de um sentimento de segurança profundamente ancorado, sempre atrás de nós, elas nos impulsionam a aspirar essas formas rompidas de intersubjetividade que tomam a forma do reconhecimento mútuo entre sujeitos adultos”.⁵⁸

Quem quer que vença pelos argumentos, e apesar das diferenças entre essa discussão e a querela do neorrevisionismo – pois que se trata aqui de interrogar uma virada intersubjetiva da teoria social –, confirma-se a linha divisória entre uma psicanálise

⁵⁷ *Ibid.*, p. 236.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 253.

explicativa da socialização e uma psicanálise radicalizante da oposição entre indivíduo e sociedade. Na “terceira” geração da Escola de Frankfurt, a experiência negativa é presente, mesmo se o otimismo é maior. Mas havia na primeira geração, notadamente com Adorno, uma tentativa de articular a teoria da dominação social e a antropologia freudiana, permitindo explorar em seus efeitos antropológicos as formas da sociedade – uma vez que ela tende a certa loucura – sem colocar um “bom” desenvolvimento normativo do sujeito.

Tradução: Inara Luisa Marin e Ricardo Lira

Revisão: Raquel Patriota

Nota dos editores

ⁱ *dialética feérica* aqui é uma referência ao subtítulo que seria dado por Benjamin às *Passagens*. “Passagens Parisienses: uma Feeria Dialética” (Pariser Passagen. Eine dialektische Feerie).

ⁱⁱ “*Das Unbehagen in der Kultur*”. Optamos por seguir a tradução brasileira. Cf. FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos: 1930-1936*. (Obras completas: Vol. 18) Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (N.T.)

“*École de Francfort et Freudo-Marxisme: Sur la pluralité des articulations entre psychanalyse et théorie de la société*” de Katia Genel foi publicado pela primeira vez em *Actuel Marx*, n° 59, 2016: *Psychanalyse: l’autre matérialisme* (<https://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2016-1-page-10.htm>), e traduzido com permissão de Katia Genel e de *Presses Universitaires de France*.